



AINDA HÁ LUGAR PARA MACHISMO EM SALA DE AULA? LEVANTAMENTO DE (MICRO)VIOLÊNCIAS DE GÊNERO SOFRIDAS E/OU TESTEMUNHADAS POR ALUNAS NO IFRS CAMPUS RIO GRANDE¹

Lucia Silveira Alda ²
Vilmar do Nascimento Rocha ³
Sofia Loureiro da Cruz Machado ⁴

RESUMO

Apesar dos avanços na igualdade de gênero, o machismo ainda permeia as estruturas sociais, influenciando negativamente a experiência acadêmica das alunas no campus Rio Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul. Este estudo teve como objetivo identificar (micro)violências de gênero vivenciadas ou observadas por estudantes dentro desse espaço educacional. Utilizando uma metodologia que incluiu revisão de literatura e um estudo de caso, dados foram coletados através de um questionário anônimo, com perguntas abertas e fechadas, aplicado no último trimestre de 2023 a alunas do Ensino Médio Técnico Integrado. Com a participação de 69 estudantes, os achados revelaram uma notável falta de representatividade feminina entre o corpo docente, contribuindo para a perpetuação de estereótipos de gênero e afetando adversamente as estudantes. A pesquisa também constatou que a maioria das alunas experienciou algum tipo de violência de gênero, especialmente por parte de colegas e professores, com relatos que incluem comportamentos inapropriados e assédio. Além disso, o temor de represálias e a prevalência de uma cultura de silêncio quanto ao machismo reforçam a necessidade urgente de ações para combater esses problemas. As percepções das alunas sobre a desigualdade de gênero foram corroboradas por experiências de desvalorização de suas opiniões, a necessidade de esforço extra para serem reconhecidas e o tratamento diferenciado em comparação aos colegas homens. Portanto, os resultados enfatizam a importância de adotar medidas para aumentar a representatividade feminina e fomentar um ambiente acadêmico mais igualitário e respeitoso, considerando o impacto negativo do machismo na trajetória educacional das alunas.

Palavras-chave: (Micro)violência de gênero, Machismo, Igualdade de gênero, Escola.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o debate sobre igualdade de gênero tem avançado de maneira significativa em diferentes esferas da sociedade. Contudo, os espaços educacionais, especialmente os técnicos e profissionalizantes, ainda carregam marcas profundas de uma cultura machista que influencia o cotidiano de alunas e professoras. Nesse contexto, o presente estudo busca investigar a presença de microviolências de gênero sofridas ou testemunhadas por alunas no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio

¹ Este artigo é resultado do projeto de pesquisa homônimo, desenvolvido com fomento do IFRS a partir do Edital PROPI n° 04/2023 - De Fomento Interno para Projetos de Pesquisa e Inovação 2023/2024.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal de Pelotas - RS, lucia.alda@riogrande.ifrs.edu.br;

³ Mestre em Letras pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - BA, vilmarrocha2@gmail.com;

⁴ Graduanda em Psicologia pela Universidade Federal de Pelotas - RS, sofiacmachado@gmail.com.

Grande do Sul (IFRS) – *Campus* Rio Grande, uma escola técnica onde a predominância masculina, tanto entre os professores quanto entre os alunos, é evidente.

A perpetuação de estereótipos de gênero, o machismo estrutural e a violência de gênero são desafios ainda presentes nas escolas brasileiras, especialmente em áreas técnicas e industriais tradicionalmente associadas ao público masculino. Esses comportamentos impactam diretamente as estudantes, comprometendo sua experiência acadêmica, seu bem-estar psicológico e, em muitos casos, sua permanência nos cursos. Dentre os tipos de violência de gênero, os micromachismos (Méndez, 1991) se destacam por serem práticas sutis e, muitas vezes, invisíveis, mas que reforçam desigualdades de gênero e perpetuam a discriminação.

Este estudo fundamenta-se em teorias que discutem as relações de poder entre gêneros, com ênfase no conceito de micromachismos, na interseccionalidade e na violência de gênero no contexto escolar. O conceito de micromachismos foi introduzido por Méndez (1991) para descrever formas sutis e cotidianas de machismo que reforçam as desigualdades de gênero. Esses comportamentos são naturalizados ao ponto de muitas vezes passarem despercebidos, mas causam efeitos prejudiciais significativos nas mulheres, minando sua autoestima e perpetuando uma estrutura patriarcal. Méndez (*ibidem*) argumenta que os micromachismos são invisíveis, mas sua repetição constante reforça um padrão de dominação masculina. Esse conceito é particularmente relevante no ambiente acadêmico, onde as estudantes frequentemente enfrentam discriminações sutis que impactam sua trajetória educacional.

As manifestações de micromachismos incluem desde interrupções durante a fala de mulheres até comportamentos condescendentes que diminuem sua capacidade ou conhecimento. Esse tipo de comportamento pode parecer inofensivo à primeira vista, mas sua recorrência contribui para a manutenção de um ambiente hostil às mulheres.

A teoria da interseccionalidade, introduzida por Crenshaw (1989), oferece uma lente essencial para entender como diferentes formas de opressão se entrelaçam. No caso das alunas do IFRS, além de enfrentarem discriminações de gênero, muitas delas também sofrem opressões ligadas à raça e à classe social. Isto posto, as experiências de mulheres de diferentes etnias e contextos sociais não podem ser entendidas de forma isolada, pois são moldadas pela interação de diversas categorias identitárias.

A violência de gênero no ambiente escolar tem sido amplamente discutida por estudiosos como Bourdieu (2012) e Solnit (2017). Solnit aborda a violência de gênero como uma forma de silenciamento e controle das mulheres, argumentando que o machismo não se

restringe a ações violentas explícitas, mas também se manifesta em pequenas agressões diárias que deslegitimam as mulheres em espaços públicos e educacionais. Bourdieu (2012), por sua vez, explora a dominação masculina como um sistema estruturado que legitima as desigualdades de gênero, inclusive em ambientes de formação intelectual como a escola. Para Bourdieu, a dominação masculina se perpetua através de normas e comportamentos que parecem naturais, mas que servem para manter as mulheres em posições de subordinação.

No contexto do IFRS – *Campus* Rio Grande, a violência de gênero e os micromachismos identificados nas respostas das alunas evidenciam a continuidade dessas práticas dentro das salas de aula e espaços de convivência. A falta de representatividade feminina entre os professores e a predominância de homens nos cursos técnicos agravam essa dinâmica, reforçando estereótipos de gênero que limitam as oportunidades e o reconhecimento acadêmico das alunas.

Dessa forma, a presente pesquisa teve como objetivo principal identificar e analisar essas microviolências de gênero no ambiente acadêmico *campus* Rio Grande. Através de um questionário aplicado às alunas matriculadas no Ensino Médio Integrado aos Cursos Técnicos, buscou-se compreender as experiências dessas estudantes e discutir as implicações dessas práticas no contexto escolar. Além disso, o estudo visou fornecer subsídios para a criação de estratégias que visem enfrentar essas desigualdades e promover um ambiente acadêmico mais inclusivo e respeitoso.

METODOLOGIA

O estudo adotou uma abordagem mista, combinando métodos quantitativos e qualitativos, a fim de obter uma compreensão mais abrangente sobre as microviolências de gênero no ambiente acadêmico do IFRS – *Campus* Rio Grande. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário aplicado às alunas matriculadas nos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio. O questionário foi elaborado com perguntas fechadas e abertas, buscando captar tanto a extensão do problema quanto às percepções subjetivas das alunas sobre as experiências de machismo e desigualdade de gênero no *campus*.

O questionário foi desenvolvido na plataforma Google Formulários, sendo distribuído de forma online para alunas dos cursos técnicos em Eletrotécnica, Refrigeração e Climatização, Informática para Internet, Geoprocessamento, Automação Industrial e Fabricação Mecânica. O instrumento incluiu questões objetivas para levantar dados



demográficos (idade, identidade de gênero, etnia, orientação sexual) e questões subjetivas sobre experiências de violência de gênero, micromachismo e assédio.

As perguntas foram estruturadas em duas seções principais: (1) a primeira parte abordou a percepção das alunas sobre a representatividade de gênero no *campus*, como a proporção de colegas e professores homens em relação às mulheres; (2) a segunda parte concentrou-se nas experiências pessoais de violência de gênero, investigando se as alunas já haviam sofrido ou testemunhado comportamentos machistas, além de dar espaço para relatos detalhados sobre situações de assédio e discriminação.

A pesquisa contou com a participação de 69 alunas e os critérios de inclusão foram: ser aluna regularmente matriculada no *campus* Rio Grande na modalidade Ensino Médio Integrado a um dos cursos mencionados e concordar em participar voluntariamente do estudo. A identidade das participantes foi preservada, garantindo o anonimato nas respostas.

Os dados foram analisados por meio de estatísticas descritivas, com a utilização de gráficos para ilustrar as principais tendências observadas nas respostas das alunas. As perguntas fechadas permitiram levantar informações sobre a frequência e a percepção das alunas em relação à violência de gênero, micromachismos e representatividade. Já os dados qualitativos, obtidos a partir das perguntas abertas, foram submetidos a uma análise de conteúdo, buscando identificar temas recorrentes e experiências compartilhadas. As respostas foram classificadas e organizadas em categorias como assédio, comportamentos machistas, representatividade e desigualdade de tratamento. Essas categorias serviram de base para a discussão dos resultados, permitindo a reflexão sobre o impacto dessas práticas na vida acadêmica das alunas e nas suas interações cotidianas no *campus*.

Uma das principais limitações deste estudo foi a impossibilidade de realizar entrevistas presenciais com as alunas, devido ao atraso na aprovação do Comitê de Ética e à proximidade com o fim do ano letivo. Essa limitação foi parcialmente compensada pela inclusão de perguntas abertas no questionário, que permitiram às participantes descrever suas experiências de forma mais detalhada. No entanto, o uso exclusivo de questionários pode ter limitado a profundidade das respostas obtidas, especialmente em relação a temas sensíveis como violência de gênero.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

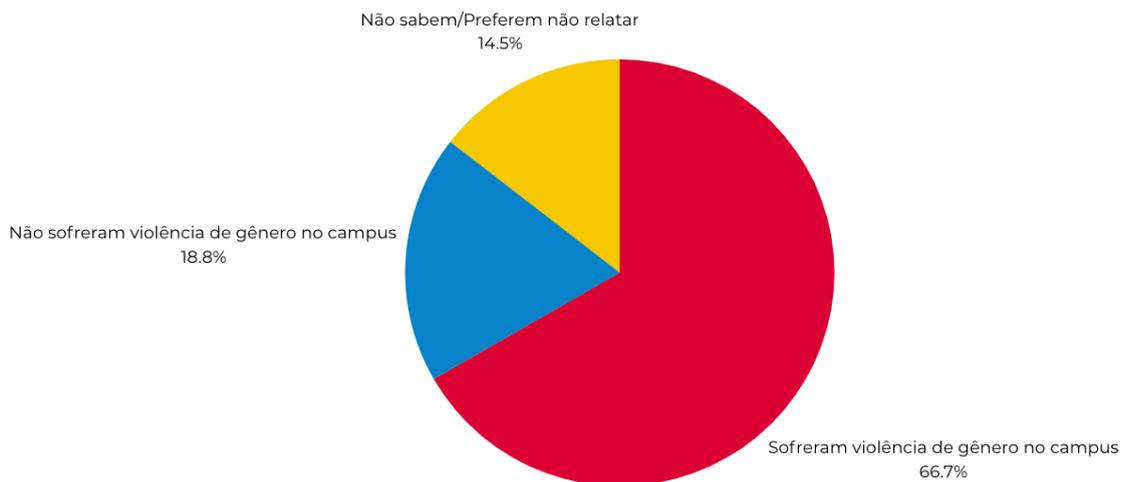
A análise dos dados coletados por meio do questionário aplicado às alunas do IFRS – *Campus* Rio Grande revelou uma série de questões que apontam para a presença de

microviolências de gênero no ambiente acadêmico. Os resultados são apresentados a seguir, acompanhados da discussão sobre as implicações dessas práticas para as alunas e o ambiente escolar como um todo.

O questionário foi respondido por 69 alunas matriculadas nos seis cursos técnicos oferecidos pelo *campus*. A maioria das participantes (76,8%) era maior de idade, enquanto 23,2% tinham menos de 18 anos. Em relação à identidade de gênero, 97,1% das alunas se identificaram como mulheres cisgênero, 1,4% como mulheres transexuais e 1,4% como pessoas não-binárias, revelando uma predominância de alunas cisgênero, com pouca representatividade de outros grupos de gênero, o que pode influenciar a percepção coletiva de gênero no *campus*. A maioria das respondentes se autodeclarou branca (72,5%), enquanto 14,5% se declararam pardas, 11,6% pretas e 1,4% não souberam ou preferiram não responder.

Uma das perguntas centrais do questionário buscou identificar se as alunas já haviam sofrido algum tipo de violência de gênero no *campus* (Gráfico 1). Os resultados obtidos demonstraram uma preocupação importante: 9% das participantes afirmaram que já sofreram algum tipo de violência de gênero, enquanto 18,9% disseram que não e 7,2% preferiram não responder. Esses números revelam a extensão do problema, sugerindo que a maioria das alunas já vivenciou situações de discriminação ou assédio no ambiente acadêmico.

Gráfico 1 - Você já sofreu machismo no *campus*?



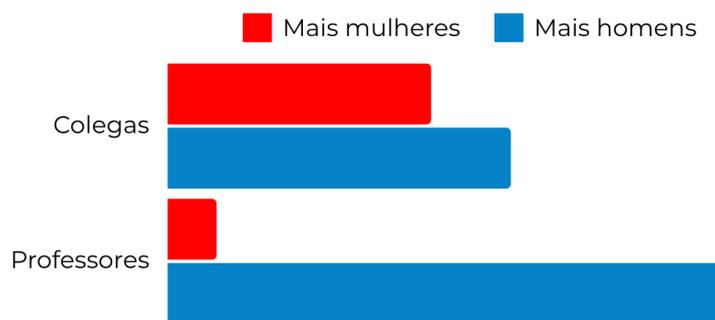
Fonte: Autores (2024)

Entre os principais agressores apontados, os colegas homens foram os mais mencionados, com 33,3% das alunas afirmando que sofreram violência de gênero vinda de outros alunos. Além disso, 31,9% relataram ter sofrido algum tipo de violência de gênero por

parte de professores, o que agrava ainda mais a situação, uma vez que os docentes deveriam atuar como agentes de proteção, igualdade e respeito no ambiente acadêmico. Quando os próprios professores, que têm o dever de promover um espaço seguro e inclusivo, estão envolvidos em práticas de microviolência e machismo, isso cria um ambiente educacional profundamente prejudicial. Essa convivência, consciente ou inconsciente, com a manutenção de estereótipos e preconceitos de gênero compromete a missão educativa da escola e reforça a normalização dessas violências no cotidiano acadêmico.

Isso vai ao encontro de outro aspecto importante investigado, que foi a percepção das alunas sobre a representatividade de gênero no *campus*, tanto entre os professores quanto entre os colegas. Conforme apresentado no Gráfico 2, a maioria das alunas (56,5%) relatou que há mais homens do que mulheres em suas turmas. Esse desequilíbrio é ainda mais acentuado entre os professores: 91,3% das alunas afirmaram que têm mais professores homens do que mulheres no IFRS – *Campus* Rio Grande.

Gráfico 2 – Razão entre homens e mulheres na sala de aula



Fonte: Autores (2024)

Esse dado é significativo, pois a falta de representatividade feminina entre o corpo docente pode reforçar estereótipos de que certas áreas técnicas são "masculinas" impactando diretamente nas expectativas e no desempenho das alunas. A ausência de modelos femininos nos cursos técnicos desestimula a participação das alunas e perpetua a ideia de que esses campos de conhecimento são dominados por homens.

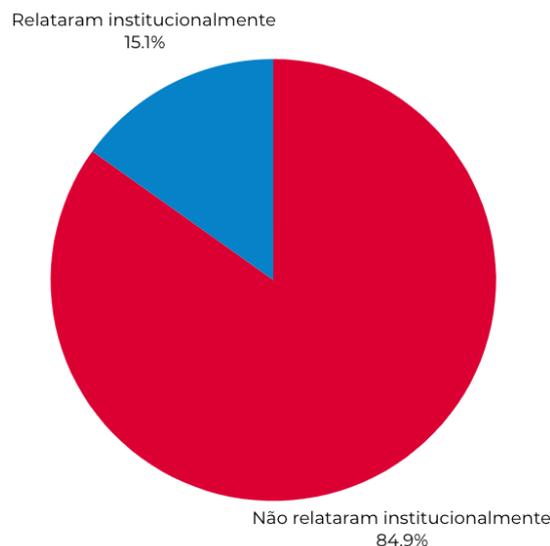
As respostas abertas do questionário forneceram exemplos concretos de microviolências e machismos cotidianos vividos ou testemunhados pelas alunas. As situações relatadas incluem interrupções durante falas, comentários depreciativos sobre as competências das mulheres e piadas de mau gosto que desqualificam a participação feminina em sala de

aula. Além disso, algumas alunas relataram que professores frequentemente fazem comentários constrangedores sobre o corpo das estudantes ou utilizam a força física como argumento para justificar a inferioridade das mulheres em determinadas disciplinas técnicas.

Esses comportamentos estão diretamente relacionados ao conceito de micromachismos, pois são formas sutis, mas contínuas, de violência de gênero. Esses episódios, embora aparentemente inofensivos, contribuem para a desvalorização das alunas e para a perpetuação de um ambiente hostil, que limita seu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

Os relatos das alunas também revelaram o impacto negativo dessas violências no seu desempenho acadêmico e no seu bem-estar psicológico. Muitas alunas afirmaram que sentem necessidade de se esforçar mais do que os colegas homens para obter reconhecimento, enquanto outras relataram medo de retaliação caso denunciasses comportamentos machistas ou situações de assédio. A presença constante de microviolências cria um ambiente de insegurança e desconforto, que afeta diretamente a autoestima das alunas e seu engajamento com os estudos. Essas agressões têm um impacto profundo e contínuo na vida acadêmica e emocional das estudantes, o que pode minar sua confiança e impedir que se expressem plenamente em sala de aula. Essa situação é agravada pela cultura do silêncio, conforme disposto no Gráfico 3.

Gráfico 3 – O silenciamento das denúncias institucionais



Fonte: Autores (2024)



A maioria das estudantes (84,9%) afirmou que não denunciou os casos de violência de gênero que vivenciaram, por medo de represálias ou pela falta de mecanismos institucionais adequados para lidar com essas questões, o que aponta uma falha gravíssima nos fluxos institucionais e na escola como um todo. Essa ausência de denúncia revela um ambiente onde as vítimas não se sentem seguras e/ou amparadas para buscar apoio ou justiça, gerando um ciclo contínuo de silêncio e impunidade. O medo de retaliação, seja por parte dos agressores ou da própria instituição, impede que as alunas busquem proteção e medidas corretivas, perpetuando a normalização dessas microviolências no cotidiano acadêmico. Além disso, a inexistência ou a ineficiência de canais de denúncia reflete uma falha estrutural grave, pois a instituição de ensino, que deveria ser um espaço seguro e acolhedor, falha em garantir a segurança e o bem-estar de todas as suas alunas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo revelou que as alunas do IFRS – *Campus* Rio Grande enfrentam múltiplas formas de violência de gênero, incluindo micromachismos, discriminação e assédio, tanto por parte de colegas quanto de professores. Os resultados indicam que a maioria das alunas já sofreu algum tipo de violência de gênero no ambiente acadêmico, o que evidencia a urgência de se enfrentar essas práticas dentro da instituição.

A falta de representatividade feminina entre os professores e a predominância de homens nos cursos técnicos agravam o problema, contribuindo para a perpetuação de estereótipos de gênero e para a criação de um ambiente acadêmico que desvaloriza as estudantes mulheres. Além disso, os micromachismos relatados, embora sutis, possuem um impacto significativo sobre o bem-estar psicológico e o desempenho acadêmico das alunas, muitas vezes levando ao silêncio e à inação diante das agressões.

As alunas relataram a necessidade de punições mais severas para comportamentos machistas, maior representatividade feminina nos cursos técnicos e conscientização dos professores e dos alunos sobre as consequências do machismo no ambiente escolar. Além disso, a criação de mecanismos institucionais eficazes para a denúncia de casos de violência de gênero é essencial para romper a cultura do silêncio que ainda predomina.

Para promover um ambiente acadêmico mais inclusivo e igualitário, é fundamental que a instituição implemente políticas e ações que assegurem a proteção das alunas e a conscientização de toda a comunidade acadêmica sobre as questões de gênero. Medidas como a capacitação dos professores, a promoção de debates sobre igualdade de gênero e o



fortalecimento dos canais de denúncia são passos importantes para criar um campus seguro e livre de discriminação.

Por fim, este estudo contribui para o entendimento das dinâmicas de poder e violência de gênero no contexto de uma escola técnica e ressalta a importância de abordagens interseccionais para compreender as múltiplas formas de opressão que afetam as alunas. As transformações necessárias vão além da esfera individual, exigindo um comprometimento institucional para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) - *Campus* Rio Grande, a partir do Edital PROPI Nº 04/2023 - Fomento Interno para Projetos de Pesquisa e Inovação 2023/2024.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para educar crianças feministas**: Um manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

AGUIAR, Mônica. **Microviolência, micromachismo, tudo junto e misturado**: Práticas de uma sociedade patriarcal. 2021. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/microviolencia-micromachismo-tudo-junto-e-misturado-praticas-de-uma-sociedade-patriarcal/>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. Ed. Tradução: Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CANTÚ, Amanda. **Micromachismos**: uma série sobre "pequenas" opressões cotidianas. 2020. Disponível em: <<https://grupoahora.net.br/conteudos/2020/03/14/micromachismo-s-uma-serie-sobre-pequenas-opressoes-cotidianas/>>. Acesso em: 21 mai. 2023.

CRENSHAW, Kimberlé. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. In **University of Chicago Legal Forum**, n. 1, artigo 8, 1989. Disponível em: <<http://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>>. Acesso em: 03 jul. 2023.

DAVIS, Angela. **Mulheres, cultura e política**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2017.

HOOKS, Bell. **O feminismo é para todo mundo**: Políticas arrebatadoras. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

MÉNDEZ, Luis Bonino. **Micromachismos**: La violencia invisible en la pareja. 1991. Disponível em: <https://colectivajusticiamujer.org/wp-content/uploads/2020/12/micromachismos_0.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2023.



PEREZ, Caroline Criado. **Mulheres invisíveis**: O viés dos dados em um mundo projetado para homens. São Paulo: Intrínseca, 2022.

SOLNIT, Rebecca. **Os homens explicam tudo pra mim**. 1. Ed. São Paulo: Cultrix, 2017.